

“ESTÃO DESAPARECENDO”

A tentativa de integração dos nativos à sociedade branca (colonizadora) e todas as formas de preconceito massificaram as ideologias de negação de identidade, geraram vergonha e medo na afirmação das identidades indígenas. A própria escola, por meio dos livros didáticos, disseminou e fortaleceu o preconceito contra os nativos ao longo da história deste país.

NÃO TEM CARA DE “ÍNDIO”

Tem-se enraizado na sociedade em geral um estereótipo do indígena como se fossemos todos iguais: cabelos negros e lisos, pele morena, olhos pequenos e puxados, livre de pelos no corpo. Nem mesmo no ano de 1500 éramos todos iguais e muitas diferenças chamaram inclusive atenção dos cronistas das expedições colonizadoras. Havia diferenças nos tons de pele, bem como na cor, espessura e forma dos cabelos, até na obliquidade dos olhos, altura etc. Esperar que 500 anos depois da chegada do colonizador o indígena tenha uma única “cara” é uma ideia racista, além do mais muitos brancos e negros cruzaram com o sangue indígena nesse período inevitavelmente, por isso o indígena de hoje pode não corresponder aos estereótipos e isso não nos faz menos “índios”.



PARA SE DESPEDIR

Nossas terras foram divididas pelos invasores portugueses e espanhóis que exploraram o pau-brasil, o ouro e todas as nossas riquezas. Tentaram nos escravizar, usurpam nossa língua e ainda hoje todas as Terras Indígenas continuam sendo disputadas por interesses ligados ao capital.

Nossos direitos não são respeitados, mas continuamos resistindo e lutando para manter nosso Território e através da Educação escolar nas nossas aldeias fortalecemos nossas culturas e tradições, ensinamos os saberes para os nossos filhos e revitalizamos a nossa língua.

É importante reconhecer a contribuição dos Povos Indígenas para a sociedade mundial: a domesticação da mandioca e o aproveitamento de várias plantas nativas na alimentação e cuidados com a saúde. Difundiram o uso da rede de dormir, o banho diário e práticas específicas de sobrevivência. Legaram ao nosso vocabulário aproximadamente 20 mil palavras, como nomes de lugares, pessoas, plantas, animais. Muitas de suas Lendas e Mitos constituem o folclore brasileiro.

A diversidade de culturas compõe um rico mosaico de tradições, línguas e visões de mundo. É preciso reconhecer e respeitar os Povos Indígenas com suas histórias, culturas, tradições e saberes que lhes são específicos e repassados por seus ancestrais através das gerações por meio da memória oral.

Nós, os Povos Indígenas do baixo Tapajós estamos vivos e lutamos contra o preconceito arraigado em nossa sociedade, só queremos respeito à nossa existência, às nossas culturas, aos sagrados e encantados do nosso lugar, ameaçado por muitos empreendimentos que nos fazem sofrer: madeireiras, garimpos, plantações de soja, agropecuária, mineradoras, construções das hidrelétricas. As consequências são irreversíveis! A Mãe Natureza chora por Justiça! Queremos viver! Esse é o nosso lugar, o rio Tapajós é a nossa casa, a nossa vida.

Iára Elizabeth Sousa Ferreira - Arapyun
Pedagoga, Esp. em Coordenação Pedagógica - UFOPA
Coordenadora da Educação Escolar Inígena
SEMED/Santarém-Pará

SOU SIMPLEMENTE

Sou vento, sou fogo,
Sou mata, sou terra...
Sou força, intensidade,
Sou espírito, sou pássaro,
Sou bicho, sou gente,
Sou alma, sou mente,
Sou diversidade...
Tua criação, verdade!
Sou feroz, sou encantamento,
Sou fruto, sou flor sobre o firmamento!
Sou ímpar, diferente,
Sou nativa que ama simplesmente.

Iára Ferreira Arapyun

REALIZAÇÃO:



**PARA FAZER DE
NOSSA SOCIEDADE
UM LUGAR LIVRE DE
PRECONCEITO CONTRA
OS POVOS INDÍGENAS**



INICIANDO O PAPO



“Nestas terras não havia índio!”

Esse termo foi imposto pelo colonizador e durante muito tempo foi usado para discriminar o nativo como sinônimo de preguiçoso, mentiroso e selvagem. Cada nação tinha seu próprio nome e assim chamavam seu Povo: Tupinambá, Tupinikim, Guarany, Potyguara.

Somos treze povos indígenas no Baixo Tapajós e Arapiuns, aproximadamente sete mil indígenas somente na região do Baixo Tapajós. Nossos povos têm nome: MUNDURUKU-KARA-PRETA, MAYTAPU, MUNDURUKU, TUPINAMBÁ, KUMARUARA, BORARI, ARAPYUN, TAPAJÓ, TAPUIA, TUPAIU, JARAKI, ARARA VERMELHA E APYAKÁ. É assim que queremos ser reconhecidos e respeitados.

Nossos antepassados foram massacrados, dispersaram-se por esses rios e matas para sobreviver, precisaram se esconder. Depois foram proibidos de falar a própria língua, foram obrigados a falar a língua do colonizador e negar a própria identidade. Mas, resistentes, sobrevivemos às tentativas de negar a nossa existência. E apesar dos direitos que hoje nos são garantidos, continuamos lutando contra toda forma de preconceito que nos nega a demarcação das nossas terras e a gestão de nossos bens naturais, a saúde diferenciada, a educação escolar diferenciada com qualidade, a autodeterminação política e até mesmo o direito ao pertencimento étnico.

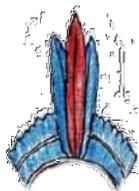
Este material didático é resultado de um acordo judicial entre Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Santarém (Semed), Secretaria de Estado de Educação (Seduc), Ministério da Educação (MEC) e Ministério Público Federal (MPF), em meio à ação judicial nº. 426-87.2014.4.01.3902. Foi pensado com o objetivo de sensibilizar você, estimulando a reflexão e o combate às atitudes de preconceito, racismo e discriminação contra nós indígenas, cidadãos e sujeitos de direitos e dignos de respeito.

Cauã Nóbrega da Cruz – Borari
Acadêmico Indígena Borari do
Curso de Direito – Universidade Federal do Oeste do Pará
Professor da Língua Nheengatu

QUEM SÃO OS POVOS INDÍGENAS?

“Índios” se referia aos grupos que habitavam o continente americano quando da chegada dos colonizadores. Os portugueses não “descobriram” o Brasil, mas invadiram terras que pertenciam a milhares de nações indígenas, muito diversas entre si.

Ao contrário do que se pode pensar, os povos indígenas não ficaram no passado. A expressão “povos indígenas” é usada para se referir aos descendentes daqueles povos originários que mantinham vivas parte de suas tradições, costumes e cultura de uma maneira geral. Ser indígena é um sentimento de pertencimento, não cabendo ao estado ou a um não indígena dizer quem é ou não índio. É isso que a nossa lei chama de “direito à autoidentificação”.



Toda cultura é dinâmica, muda com o tempo e com a relação de troca entre os diferentes povos. Da mesma maneira que os portugueses não vivem mais como nos tempos de Cabral (por exemplo, não viajam de caravelas durante meses a fio, em busca de especiarias), os povos indígenas também mudaram, não vivem mais como há quinhentos anos, nem seria possível.

Nós, indígenas, estamos em todos os espaços, desde a floresta das mais altas árvores às cidades dos maiores prédios. Estamos em escolas, em universidades, aprendendo os instrumentos do “branco” para fazer valer nossos direitos. Isso não faz com que deixemos de ser indígenas. Não podemos esquecer o quanto foi violenta a colonização. Os europeus mataram e escravizaram milhões de indígenas, e não foi apenas isso. Também nos impediram de fazer nossos rituais, de praticar nossas religiões e até mesmo de falar nossas línguas nativas. Falavam que a intenção era nos “integrar”, fazer-nos deixar de ser índios.

Embora os tempos de colonização tenham ficado pra trás, o preconceito que vivenciamos diariamente nos faz sofrer da mesma forma. O racismo nos vê como pessoas inferiores, selvagens. Desqualifica nossos costumes, nossas culturas, nossas características. Mas o racismo também se revela quando negam nossas identidades por não termos “cara de índio” ou por usarmos celulares e computadores. Mas não baixamos nossas cabeças. Lutamos contra o preconceito, por políticas de saúde e educação que respeitem nossas tradições, pela demarcação de nossas terras e pela vida da mãe-natureza. Temos orgulho de ser indígenas.

Vamos ver algumas formas em que se expressam o preconceito e discriminação contra os indígenas?

“SÃO TODOS IGUAIS”

É preciso reconhecer a grande diversidade sociocultural e linguística dos povos indígenas.

“SÃO DO PASSADO”

As culturas são sempre dinâmicas. O que os colonizadores encontraram em 1500 já não pode estar igual 500 anos mais tarde.

“OS ‘ÍNDIOS’ NÃO TÊM HISTÓRIA”

Cada povo tem a sua história com seus saberes e heranças ancestrais que atravessam gerações. A documentação da história por meio da escrita não é a única forma de registro. Existe a memória oral.

“SÃO PRIMITIVOS”

Os povos indígenas são autônomos em suas escolhas e na autodeterminação dos seus modos de vida e organização social, não reconhecer a existência de ciências, teorias sociais indígenas, de arte, religião própria, é desqualificar diferentes patrimônios históricos e culturais.

“SÃO ACULTURADOS”

Têm-se a falsa ideia de que o “índio” vive em um estado passageiro de “selvageria” da humanidade e que no decorrer do convívio com as sociedades ocidentais colonizadoras deixaria de ser “índio”, tornando-se “civilizado”, ignorando que cada um é civilizado dentro da própria sociedade, de sua produção cultural e nas relações entre os diferentes povos. Ninguém deixa de ser “índio”. Ninguém vira “índio”. Não existe índio mais “índio”, nem menos “índio”. Não existe meio “índio”.

“OS ‘ÍNDIOS’ SÃO PREGUIÇOSOS”

Os colonizadores não levaram em conta o modo próprio de organização social e a divisão do trabalho dos diversos povos indígenas, criando o estigma de “preguiçoso” sobre a figura do indígena, desconsiderando que seus modos de vida respeitavam os ciclos da mãe natureza.

